

viewer in a setting reminiscent of a laboratory. Visitors are greeted by a rock that reflects reality, past and present on multiple surfaces. The rock places us in relation to Planet Earth that has been exploited by human mankind, yet it also represents a launching platform for ideas and a mirror for reflection. Its different skins confront the viewer with a universal, critical and ironic view of techno-evolutionary vectors. These vectors speak about the acceleration of life that forces us to seek technological supports. The more we are connected, the lonelier we become. With *Homo Kosmos (cough cough)*, Tiago Borges and Yonamine address technology as a spiritual archetype, the inhuman speed imposed upon us by accelerated capitalism. A motor – or techno-financial, techno-linguistic and techno-informational automatism – that consumes energy and leaves behind waste and pollution, which result from actions of investment, production and consumption: actions we might not be able to democratically dominate but instead are left to deal with once our jobs have become superfluous. Yet, *Homo Kosmos (cough cough)* is also an invitation to understand distances that separate us from nature. In a bid to apprehend where we came from, we operate in a dreamlike state and struggle with the mystique of repair or a return to a supposed ‘normality’ that might never again materialize. “We must transform impotence into a line of flight away from the universe of competition”² states Bifo Berardi, hoping – together with Guattari – that from “chaotic hypersensitivity, a new cosmos could emerge.”³ A set of pieces at the gallery composed of sculpture, shadows, moving image and sound evoke the notion of an all-encompassing *Gesamtkunstwerk*. Thus, *Homo Kosmos (cough cough)* is akin to the *Intensivist* movement founded during 1948 in Mato Grosso, which “created a superimposition

² Berardi Bifo, Franco *Futurability: The Age of Impotence and the Horizon of Possibility*, London: Verso, 2017, p. 94

³ *ibid.*, p. 29

of images in order to achieve intensity.”⁴ It is this kind of intensity that Borges and Yonamine are interested in. There is nothing more repulsive than the flakiness of an eventual possibility that might be surfacing if only we wait long enough. Their images, appropriated from nature, the streets of the world and created from an imaginative sphere oscillate between 21st century constructivist fury and fear, defence and attack. *Homo Kosmos (cough cough)* invites figures like you to help invent a new soundtrack for future realities. A ‘neo-human’ era where racism and discrimination are overcome, humanist ideals and solidarity are tangible, and the sky belongs to everyone: Black Star is a star in the astrocene of the Afro-imaginary.

Tobi Maier
Director, Galerias Municipais

⁴ Wladimir Dias-Pino in *Intensified reading, expanded writing [a conversation with Wladimir Dias-Pino on intensivism, concrete poetry, process/poem and the visual encyclopedia]*, OEI #66 poema/processo, Stockholm, 2014, p. 145

Agradecimentos | Acknowledgements
Cristina Guerra Contemporary Art, Edgar Pires, Jahmek Contemporary Art, MAAT - Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia, Mike Goes West, Tiago Mata Angelino, Tílias Coop

Som | Sound by: Cabuenha e | and DJ Lucky
Montagem | Installation: Torrada Construções
Iluminação | Lighting: Electrovirtuoso

GALERIAS MUNICIPAIS – GALERIA AVENIDA DA ÍNDIA
Avenida da Índia, 170, Lisboa, Belém
Terça a domingo 14h30-19h
Tuesday to Sunday 2.30-7pm
+351 211 941 466

www.galeriasmunicipais.pt



Homo Kosmos (cough cough)

Tiago Borges • Yonamine

14.07 • 04.10.2020

Homo Kosmos (cough cough), de Tiago Borges e Yonamine, dá continuidade ao trajeto colaborativo dos artistas, partindo da sua obra anterior em forma de diamante, *AfroUFO*, apresentada em São Paulo (2014). *AfroUFO* foi feita expondo o suor e as cicatrizes daqueles que sempre foram ignorados pela história. Uma história que ainda não «sarou» quaisquer feridas e que continua a perpetuar a injustiça e o racismo até aos dias de hoje. *AfroUFO* conjurou o apelo de Lee Scratch Perry à consciencialização, justiça e piedade,¹ representando a possibilidade simultânea de resistência, manifestação e escape em direção às distopias e utopias do continente africano e a um futuro estabelecido no seio das estéticas e ansiedades do universo pós-Internet. Um ciclo de vida e quase sete anos depois, as mentalidades parecem ter mudado e os ânimos parecem mais sombrios. Na sequência da propagação global da Covid-19, damos por nós a emergir de um confinamento vivido por aqueles que puderam dar-se a esse luxo. Porém, no caso dos artistas, o confinamento foi uma situação imposta já durante a sua infância, em Angola. A Guerra Civil de Angola eclodiu em 1975, pouco depois de a pacífica Revolução dos Cravos ter despertado Portugal da ditadura do Estado Novo e quase exatamente 400 anos depois de os portugueses terem estabelecido a sua primeira colónia no

¹ Em *Go Down Evil*, faixa do álbum *The Orbserver in the Star House*, dos The Orb, lançado em agosto de 2012 pela editora Cooking Vinyl / The End Records.

território, em 1575. Esta guerra civil duraria mais de 20 anos, até 2002, pelo que grande parte da sua vida quotidiana decorreu num estado permanente de alerta. Ideias atualmente correntes de recolher obrigatório e de violência policial evocam a letra de Bob Marley para a canção *Burnin' And Lootin'* de 1973: «This morning I woke up in a curfew, Oh, God, I was a prisoner, too, yeah!, Could not recognize the faces standing over me, They were all dressed in uniforms of brutality, eh!»²

Para *Homo Kosmos (cough cough)*, a exposição apresentada na Galeria da Avenida da Índia, Tiago Borges e Yonamine produziram novas obras numa tentativa de criar psicoferas de cura, abrindo caminhos para um outro cosmos com uma nova história. Os artistas trabalham com a ideia de potência que traduz a possibilidade em realidade. Um ambiente iluminado a luz negra situa o visitante num espaço que lembra um laboratório. O público é recebido por uma rocha que reflete a realidade, passada e presente, em múltiplas superfícies. A rocha coloca-nos em relação com o planeta Terra, explorado pela humanidade, mas também representa uma plataforma de lançamento de ideias e um espelho para reflexão. As suas diferentes peles confrontam o visitante com uma visão irónica, crítica e universal dos vetores tecno-evolucionários. Estes vetores falam-nos da aceleração da vida que nos força a procurar apoios tecnológicos. Quanto mais estamos conectados, mais solitários ficamos. Com *Homo Kosmos (cough cough)*, Tiago Borges e Yonamine abordam a tecnologia enquanto arquétipo espiritual, a velocidade inumana que nos é imposta pelo capitalismo em aceleração. Um motor – ou automatismo tecno-financeiro, tecno-linguístico e tecno-informacional – que consome energia e deixa para trás um rastro de resíduos e poluição decorrentes de ações de investimento, produção e consumo: ações que não possamos mais dominar democraticamente, mas com as quais seremos confrontados quando os nossos empregos se tiverem tornado supérfluos. Ainda assim, *Homo Kosmos (cough cough)* é

² «Esta manhã acordei ao toque de recolher, meu deus, também eu prisioneiro! Não reconhecia os rostos dos que me olhavam de cima, todos vestidos em uniformes de brutalidade.»

também um convite à compreensão das distâncias que nos separam da natureza. Na tentativa de compreendermos as nossas origens, operamos num estado algo onírico, debatendo-nos com a mística da reparação ou com o regresso a uma suposta «normalidade» que poderá nunca vir a materializar-se. «Devemos transformar a impotência numa linha de escape do universo da competição»,³ afirma Bifo Berardi, na esperança – tal como Guattari – de que «um novo cosmos possa emergir da hipersensibilidade caótica.»⁴ Na galeria, um conjunto de peças composto por esculturas, sombras, imagens em movimento e som evoca a noção de uma *Gesamtkunstwerk* integral. Assim, *Homo Kosmos (cough cough)* partilha afinidades com o *Intensivismo* fundado em 1948, em Mato Grosso, que «criava uma sobreposição de imagens como forma de atingir a intensidade».⁵ É este tipo de intensidade que interessa a Borges e Yonamine. Não há nada de mais repulsivo que a insanidade de uma eventual possibilidade poder surgir desde que esperemos tempo suficiente. As suas imagens, apropriadas da natureza e das ruas do mundo e criadas a partir de uma esfera imaginativa, oscilam entre a defesa e o ataque, a loucura e o medo construtivista do século XXI. *Homo Kosmos (cough cough)* convida figuras como você a ajudar na invenção de uma nova banda sonora para realidades futuras. Uma era «neo-humana», na qual o racismo e a discriminação foram ultrapassados, os ideais humanistas e a solidariedade são algo de tangível, e o céu está ao alcance de todos: Estrela Negra é uma estrela na astrocena do imaginário africano.

Tobi Maier
Diretor, Galerias Municipais

³ Berardi Bifo, Franco *Futurability: The Age of Impotence and the Horizon of Possibility*, Londres: Verso, 2017, p. 94.

⁴ *ibid.*, p. 29.

⁵ Wladimir Dias-Pino em *Intensified reading, expanded writing (a conversation with Wladimir Dias-Pino on intensivism, concrete poetry, process/poem and the visual encyclopedia)*, OEI #66 Process/poem, Estocolmo, 2014, p. 145.

Homo Kosmos (cough cough) by Tiago Borges and Yonamine continues the artists' collaborative journey from where they left off their diamond shaped *AfroUFO* in São Paulo [2014]. *AfroUFO* was made exposing the sweat and scars of those never contemplated by history. A history that has not “cured” anything yet but instead perpetuates injustice and racism into the present. Thus, *AfroUFO* conjured Lee Scratch Perry's call for consciousness, righteousness and godliness¹ and represented the possibility of simultaneous resistance, manifestation and flight towards the dystopias and utopias of the African continent and a future set within the aesthetics and anxieties of the post-Internet universe.

One life cycle and almost seven years later, it seems spirits have changed, and the mood has gotten darker. After the worldwide spread of Covid-19 we find ourselves emerging from a lockdown, experienced by those who could afford it. Yet, lockdown has been an institution imposed on the artists already during childhood in Angola. The Angolan Civil War broke in 1975 - shortly after the peaceful carnation revolution woke Portugal from the *Estado Novo* - and almost exactly 400 years after the Portuguese established their first colonial settlements in the territory during 1575. This civil war fared for more than 20 years and through 2002. Much of their everyday life took place under a permanent state of alert. Prevailing notions of curfew and police violence today evoke Bob Marley's lyrics for *Burnin' And Lootin'* from 1973: “This morning I woke up in a curfew, Oh, God, I was a prisoner, too, yeah!, Could not recognize the faces standing over me, They were all dressed in uniforms of brutality, eh!”

For *Homo Kosmos (cough cough)* at Galeria da Avenida da Índia, Tiago Borges and Yonamine have developed new works to create psycho spheres of cure, paving the way towards yet another cosmos with a new history. The artists are working with the idea of potency that translates possibility into actuality. A black-light lid ambience situates the

¹ In *Go Down Evil* published on The Orb's *The Orbserver in the Star House* released in August 2012 on Cooking Vinyl / The End Records.